

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE
DISTRITO SANITÁRIO YANOMAMI

MEMORANDO	Nº: 352	Data: 30.10.96
-----------	------------	-------------------

Para: Nilce Castro da Silva - Chefe do Setor Financeiro da FNS/RR
Assunto : Encaminhamento, faz

Sr. Coordenador,

Nota-se um incremento da violência interna a alguns grupos Yanomami. Esta está intimamente relacionada à presença garimpeira e ao fornecimento de armamento e munição àqueles índios.

Recentemente, no dia 28/09/96 houveram duas mortes de Yanomami como consequência de ferimentos por arma de fogo.

Um, o Tuxaua Xamatari, cerca de 50 anos, pertencente à maloca Hoxcana no Posto Parafuri, foi alvejado por tiros de espingarda calibre 20. O ataque foi atribuído aos Moxafê-teribê, inimigos tradicionais dos Hoxcana teribê e sempre apontados como autores de quaisquer infortúnios sendo, portanto, incerto nós atribuir-lhes com certeza a autoria.

O outro óbito aconteceu com um morador da Maloca do Ricardo no Homoxi. O homem Junior, 35 anos, recebeu dois tiros de espingarda calibre 12 e uma flechada. O ataque, atribuído a moradores do Kôkala e do Koremu, aconteceu nas cercanias da maloca atacada.

Agora são 8 óbitos em consequência de ferimento por arma de fogo este ano entre o s Yanomami:

Nº	Nome	Sexo/idade	Óbito	Região	Aldeia
1	João	masc. 35 anos	04/03/96	Homoxi	Makurusi
2	Ceará	masc. ~30 anos	01/05/96	Homoxi	Koremu
3	Cantiana	masc. 26 anos	01/05/96	Surucucus	Mahekosi
4	Irmão de DC3	masc. 23 anos	09/05/96	Surucucu	Manacasi
5	Leandro Neto	masc. 43 anos	28/06/96	Homoxi	Tx. Renato
6	Tuxaua Potau	masc. 56 anos	18/09/96	Xiriana	Kurapó
7	Tuxaua Xamatari	masc. ~50 anos	28/10/96	Parafuri	Hoxcana
8	Junior	masc. 35 anos	28/10/96	Homoxi	Tx. Renato

Estes óbitos representam quase 10% do total de 88 óbitos registrados até o momento pelo DSY/FNS-RR.

Longe de confirmar as teses que tentam hipertrofiar academicamente uma suposta violência natural residente nos Yanomami, estes fatos se juntam a outros para apontar um processo de auto-aniquilamento daquele povo que se encontra em discreto crescimento populacional e frágil equilíbrio sanitário. Meu temor é que este processo possa ser proposital uma vez que a desestabilização social, a diminuição populacional ou o desaparecimento dos Yanomami atende a grupos de interesses que pretendem a exploração mineral naquela área indígena.

Os avanços obtidos com a instalação em 1991 do Distrito Sanitário Yanomami e a coordenação de um trabalho multi-institucional pelo Núcleo interinstitucional de Saúde Indígena da FNS/RR que conseguiu reverter o inimaginável quadro sanitário provocado pela sistemática invasão garimpeira no período de 1986 a 1991 e pela interdição pela FUNAI e Exército Brasileiro da área indígena às equipes de saúde enviadas pela sociedade civil organizada no período de 1988 a 1990, podem não garantir a sobrevivência dos Yanomami enquanto grupo social caso elementos desestruturadores sanitários e sociais sejam mantidos e incrementados.

Os Yanomami tem uma taxa de crescimento anual baixa (+1,37). Em 1995 foram registrados 275 nascimentos entre os Yanomami assistidos pelo DSY/FNS-RR, ao mesmo tempo que foram registrados 172 óbitos. Entre estes, 45 foram perdas de vidas entre crianças menores de 1 ano de idade (CMI=163,64 por mil nascidos vivos). A área Yanomami é endêmica em malária, Infecções Respiratórias, Tuberculose entre outras doenças. As duas primeiras doenças respondem por 30,2 % do total de óbitos em 1995 sendo que seu controle está intimamente ligado à presença ou não de novos focos, sendo os garimpos lugares privilegiados.

A malária apresenta alta letalidade entre os Yanomami (TL=0,96%), sendo que a forma falciparum, mais grave, representa cerca de 40 % dos casos registrados na área. Dentre os 49 óbitos por malária registrados na população geral do Estado de Roraima em 1995, 36 acometeram índios Yanomami!

As IRA's leves apresentam alta morbidade onde cerca de 10% evoluem para formas graves com alta letalidade (TL=0,11%). Em 1995 as IRA's representaram 9,3% do total de óbitos.

A mortalidade por estas duas doenças ainda é maior quando se considera que ainda um grande número de óbitos ocorrem sem assistência na área Yanomami, presumindo-se que tenham em grande parte esta mesma etiologia.

Não bastasse este delicado quadro sanitário, a violência interna acirrada pelos conflitos armados vêm agravar ainda mais a situação.

Em várias oportunidades temos relatado, através da Coordenação Regional de Roraima da FNS, problemas desta natureza.

O Ofício/FNS/GAB/CR/RR/115 de 15/02/96 remetido à FUNAI se recente de falta de segurança para o atendimento de saúde nas regiões do Aracaçá e Xicoi, devido à presença garimpeira.

O Ofício/FNS/GAB/CR/RR/402 de 13 de maio de 1996 à FUNAI dá ciência sobre constrangimentos impostos à equipe de saúde por índios a serviço de garimpeiros da Pista Chico Mineiro na região do Parafuri. A providência tomada pela FUNAI foi a proibição do acesso de funcionários da FNS e daquele órgão às malocas que mantinham relacionamento com os garimpeiros, uma vez que não poderia garantir a segurança dos servidores públicos. Esta proibição permanece vigorando até hoje e afeta 3 comunidades Yanomami que encontram-se fortemente armadas e nunciadas pelos garimpeiros. As pessoas destas comunidades dizem que não querem a presença da FUNAI, da Polícia Federal e da FNS uma vez que os garimpeiros assim o recomendaram e lhes tem garantido munição e remédios (ainda que o tratamento seja provavelmente feito sem critérios técnicos).

O Ofício/FNS/GAB/CR/RR/513 de 03/07/96 relaciona algumas vítimas de conflitos armados entre Yanomami somando 5 mortos e 3 feridos, como se segue:

No início de fevereiro de 1996 a garota Uterima Taroma-teri, do Parafuri, foi atingida por tiro de espingarda atribuído aos Moxafê-teribê ficando paraplégica.

No dia 09/05/96 os Palimasi retribuem agressão dos Bírísi-teribê matando a tiro um jovem da maloca Manacasi (irmão de DC3, 23 anos). No dia 12/05/96 a FNS remove da maloca Palimasi a Mãe de Carequinha vítima de tiros disparados por membros da maloca Bírísi-teribê. Como consequência os Palimasi-teribê se fragmentam em abrigos temporários na floresta e passam a se mudar para locais distantes. A utilização de arma de fogo pelos Bírísi-teribê está tendo consequência bastante duras. Na região de Surucucus a principal fonte de munição à disposição dos índios é o contingente do Exército Brasileiro lá sediado, como é notório.

No dia 01/07/96 nos chega a notícia do falecimento do Tuxaua Leandro do Homoxi, atingido por tiro calibre 20 vindo de pessoas da maloca Koremu e/ou Kókala-Lahakaboko (região de Surucucus).

Os Yanomami possuem tradicionalmente diversos níveis de amizade ou antagonismo em relação aos grupos populacionais com que toma contato, direto ou indireto. Normalmente o antagonismo é resolvido desde em discussões ao nível familiar até raides guerreiros, passando alguns rituais de confronto como uma disputa de socos no torax ou o duelo com varas de madeira. Destes enfrentamentos dificilmente resultam óbitos, devido a sua baixa potência de letalidade. Os raides guerreiros, destinados objetivamente à morte do inimigo, nem sempre chegam a este termo uma vez que o inimigo flechado nem sempre vem a morrer uma vez que este tipo de arma não é tão letal. Também o raide pode ser dado como concluído caso seja morto um animal considerado como alter-ego do inimigo em questão. Morto o alter-ego, há a consequência mágica necessária de que o homem a ele vinculado tenha o mesmo destino, sem ser necessário que seja fisicamente atingido. Outras vezes, a morte do inimigo pode ser feita exclusivamente por vias xamânicas, onde as forças sobrenaturais são usadas à distância para debilitar ou matar o inimigo. Em todas estas situações, havendo crença na morte do inimigo, o matador se submete aos rituais necessários para resistir às ameaças trazidas pela alma do morto.

Nestes casos, a rivalidade interna à sociedade Yanomami é regulada por estes diversos mecanismos.

A introdução da arma de fogo vem alterar drasticamente este contexto. Pequenas questões de relacionamento podem ser resolvidas, caso haja uma exaltação de ânimos, a bala. A paz, mesmo que velada, pode ser rompida por uma atitude impensada de um jovem imaturo. A letalidade inerente às armas de fogo provoca uma situação limite. Estreitam-se alianças para vingar os mortos e mobilizam-se os homens para as ações de defesa e ataque. Toda a rotina da aldeia é alterada: caso haja suspeita de que os inimigos virão atacar, a casa é abandonada e constroem-se abrigos fortificados em região distante; se permanecem na aldeia, ninguém deixa a casa durante a noite, as tarefas das mulheres na roça são realizadas sob escolta de homens armados, não se viaja longe, interrompem-se as costumeiras viagens de intercâmbio entre aldeias. As noites serão sobressaltadas por suspeitas de inimigo próximo a cada barulho da floresta. A tensão será constante. Ficam assim prejudicadas as atividades produtivas, os intercâmbios sociais, as viagens comerciais, a busca de socorro no posto médico etc.

As consequências para os serviços médicos são evidentes: os pacientes em tratamento não mais virão ao posto (se este for o caso) uma vez que não se ausentarão do lugar onde se sentem mais seguros; caso a comunidade se fragmente em abrigos na floresta, a equipe de saúde dificilmente saberá a localização precisa ou conseguirá encontrar todas as pessoas uma vez que o endereço não é divulgado para que não chegue a ouvidos inimigos. Os tratamentos não poderão ser ministrados fora do local de abrigo do paciente, não se conseguirá remover quaisquer casos graves uma vez que ninguém se sujeitará a viajar desacompanhado nem mesmo para a cidade (onde de qualquer forma certamente terão outros Yanomami desconhecidos). As equipes de saúde serão persuadidas a não atenderem as pessoas que determinado grupo considera inimigas e caso o façam poderão ser acusadas de se aliarem aos outros.

Neste contexto, os conflitos em regiões com alta morbi-mortalidade por doenças tornam a atividade de saúde extremamente complexa. Os profissionais de saúde enfrentam todo o stress da situação e, não raramente, extremamente desmotivados perante sua impotência.

Me assusta pensar que este problema possa ser crônico.

Aproximadamente em fevereiro de 1994, o rapaz Menício Yanomami da maloca do Bolabei do Xiriana foi atingido por tiro atribuído aos Kataloa-teribê, ferimento sem gravidade, permanecendo com 04 chumbos no tórax.

Mias tarde, abordei este tema, então menos grave, através do Parecer Técnico DSY/09 de 19/08/94 quando considerei as condições e os riscos de trabalho de equipes de saúde em meio a áreas de influência do garimpo e concluí que existia perigo real de danos físicos aos funcionários em área e que a entrada de equipes de saúde deveriam ser precedidas da desintrusão das regiões ocupadas pelo garimpo.

No entanto, não foram tomadas providências suficientes. No final de julho de 1995 toma-se conhecimento das mortes de Azulão de 15 anos (filho de Antão), Funai de 22 anos, ambos Kurapó-Teribe, e Ximão de 33 anos (filho de Badacioma, esposa de Badalima) do Hoxena. Todos três vítimas de ferimentos por arma de fogo calibre 20 em conflito interno." É enviado o Ofício/FNS/GAB/CR/RR/758 de 26/07/95 à FUNAI onde se historia uma série de incidentes relacionados à presença garimpeira ocorridos na região do Parafuri, incluindo os 3 óbitos acima e mais 3 outros entre garimpeiros e obstruções ao trabalho das equipes de saúde.

Infelizmente, faz-se necessário repetir palavras já anteriormente ditas:

A letalidade dos incidentes com arma de fogo desequilibra e acirra os conflitos internos da sociedade Yanomami. Aumenta-se a tensão e prejudicam-se as atividades das equipes de saúde. As comunidades Yanomami, amedontradas, afastam-se, ou se vêem afastadas dos postos de saúde, agravando ainda mais seu quadro sanitário.

Providências imediatas para reverter essa situação se fazem necessárias.

Um dos grandes problemas identificados na área é o livre suprimento de munição calibre 20 aos índios. Sugerimos a identificação dos responsáveis por esta política (garimpeiros e outros) que aponta para o auto-aniquilamento dos Yanomami.

Solicitamos providências com relação aos fatos acima, sem o que nossos esforços para normalização sanitária da área Yanomami não surtirão qualquer efeito.

Diantes dos dados colocados, solicito as providências cabíveis.

Atenciosamente,

Edgard Dias Magalhães
Coordenador do DSY

Anexos:

Parecer Técnico DSY/09 de 19/08/94
Of/FNS/CR/RR/758 de 26/07/95 à FUNAI
Of/FNS/CR/RR/115 de 15/02/96 à FUNAI
Of/FNS/CR/RR/402 de 13/05/96 à FUNAI
Of/FNS/CR/RR/513 de 03/07/96 ao GTEY/FUNAI

MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE
DISTRITO SANITÁRIO YANOMAMI

MEMORANDO	Nº: 357	Data: 01.11.96
-----------	------------	-------------------

Para: Luis Rennerys Pinheiro, Coordenador Regional Substituto da FNS-RR
Assunto : Relato, faz

Sr. Coordenador,

Trago a vosso conhecimento fatos ocorridos no Pólo-base Homoxi, Área Indígena Yanomami, segundo relato da equipe de saúde que lá estava a serviço.

Os membros da equipe de saúde são:

Antônio Carlos Balbino, Enfermeiro, FNS-RR, em Homoxi desde 25/10/96

Edvandro dos Santos Pereira, Auxiliar de Serviços Gerais, FNS-RR em Homoxi desde 23/10/96

Vânia Fernandes de Mendonça, Auxiliar de Enfermagem, DIA/FUNAI, em Homoxi desde 15/10/96

João Freire de Mendonça, Microscopista, DIA/FUNAI, em Homoxi desde 15/10/96.

No dia 23/10/96 aterrizou na pista do PIN Homoxi uma aeronave clandestina que deixou dois homens e alguma carga (incluindo arroz). Inicialmente pensou-se tratar de funcionários da FUNAI coisa posteriormente esclarecida pelo Chefe de Posto Ananias Lourenço Rosa que afirmou ser um deles seu tio. Os índios Batista, maloca do Renato e Raimundo, maloca do Thirei-teri preocupados informaram à equipe de saúde que Ananias afirmara serem garimpeiros a seu serviço e pediram providências para a retirada deles. Outro índio, Tuxaua Antônio do Thirei acorreu ao posto no dia 31/10 e insistiu junto à equipe de saúde pela retirada imediata dos garimpeiros, relacionando-os com a ocorrência de doenças. Os índios, claramente intimidados pela presença do Chefe de Posto somente conversavam com a equipe de saúde na ausência daquele.

O Tuxaua Antônio do Wiramabiú em visita ao posto de saúde também se disse insatisfeito com a presença dos garimpeiros e manifestou sua vontade de falar com as autoridades, desde que na ausência do servidor da FUNAI.

O comportamento habitual de Chefe de Posto é completamente inadequado. Sabe-se de episódios de surras na esposa no Baixo Mucajái, bebedeira e constante uso de sua espingarda para assustar os cães que acaso molestassem seus inúmeros animais de estimação (mutum, araras, galinhas e um veado) no Homoxi. A isto, soma-se seu temperamento explosivo e ciumento. Este comportamento mantém intimidada toda a comunidade Yanomami da região e enche de reservas seus companheiros de trabalho, havendo inclusive, recusa de vários funcionários da FUNAI em permanecer com o mesmo em área indígena (por exemplo: Antônio Guajajara, Cordeiro, Sr. Camilo, Sr. Leônidas, Gabriel etc).

5

Os funcionários João e Edvandro ouviram a afirmação de que acaso ocorresse qualquer coisa de ruim e ele, Ananias, viesse a perder o emprego devido aos fatos em questão, que culparia o enfermeiro Antônio Carlos e que tomaria as providências necessárias com relação a ele.

No dia 29/10/96 outro avião aterrizou no PIN Homoxi transportando mais dois garimpeiros convidados do Chefe de Posto. Antes de pousar, a aeronave PT-KJW sobrevoou várias vezes o posto, supostamente aguardando confirmação de que o servidor Edvandro dos Santos, que estava retornando ao posto após breve saída para uma caçada e portava uma espingarda calibre 20, não era um policial; a aeronave pousou apenas depois que o Chefe de Posto e os dois garimpeiros lhes acenou indicando a possibilidade de pouso. Juntamente com os garimpeiros veio uma quantidade de combustível (3 carotes), talvez óleo diesel.

Na tarde do dia 29/10/96 a equipe de saúde solicitou por rádio-fonia a presença do Coordenador do DSY/FNS-RR para tratar de um assunto grave. Não foi possível dar detalhes do problema em questão uma vez que o Chefe de Posto rondava permanentemente a enfermaria utilizada pela equipe de saúde, intimidando os contatos via rádio. Como é de vosso conhecimento, a FNS possui no Homoxi uma estação de rádio-fonia com frequência própria.

Pouco depois, Ananias chamou o Enfermeiros Antônio Carlos (na presença de João e Vânia) para uma conversa reservada. Disse que fora informado pelo índio Zezinho, do Thirei, antigo "empregado" do PIN, de que havia sido feito um comunicado a Boa Vista e que, caso fosse verdade, informaria seus companheiros pois seriam eles que cuidariam de acertar as contas. Neste contexto, o Enfermeiro garantiu que solicitara a presença do Antropólogo devido aos conflitos armados de que participava a maloca do Ricardo. Neste momento a conversa acabou, com uma sugestiva frase do funcionário do órgão de proteção aos índios.

Os quatro garimpeiros estabeleceram uma rotina de trabalho rio abaixo. Saíam de manhã voltando no horário de almoço para o PIN onde almoçavam e retornavam ao trabalho logo após, retornando novamente para dormirem.

No dia 31/10/96 o Coordenador do DSY/FNS-RR, Antropólogo Edgard Dias Magalhães, viajou a Homoxi e tomou conhecimento dos fatos, julgando-os graves e partilhando a preocupação da equipe. Atendendo aos apelos dos funcionários de saúde que se sentiam ameaçados fisicamente, foram autorizadas duas pernas de vôo para removê-los para Surucucus. No primeiro Vôo foram Antônio Carlos e Vânia. No segundo, João e Edvandro. O Coordenador do DSY acompanhou os dois vôos, feitos pelo Piloto João Amarildo da META S.A.

Após a saída da primeira perna da aeronave o Chefe de Posto se dirigiu, carregando uma espingarda calibre 20, ao Edvandro e João que, temendo uma reação violenta, se aproximaram dele. Ananias perguntou o que fora discutido tendo como resposta que o Coordenador do DSY fora tomar maiores informações sobre os dois últimos óbitos ocorridos recentemente. O servidor da FUNAI perguntou se alguém falara sobre a presença dos garimpeiros, obtendo resposta negativa do João que completou dizendo que, porém, os índios haviam dado informações. Diante disso, visivelmente bastante afetado, Ananias afirmou que tinha certeza que não tinha sido os índios e sim o Enfermeiro e que este se "daria mal por isso".

Sed
6

O segundo vôo foi um vôo nervoso. O piloto João Amarildo esteve apreensivo pois, como afirmou, conhecia a índole de Ananias e temia por uma má recepção no retorno da aeronave.

Sr. administrador, removida a equipe de saúde, Homoxi encontra-se sem assistência deste tipo. A FNS, apesar de não ter deixado nenhum paciente em tratamento, teme a ausência da equipe de saúde num local que, como sabemos é endêmico em várias doenças. A retirada de nossa equipe, plenamente justificável pela insegurança e absurdo da situação, coloca em risco a população indígena que fica desassistida, bem como os bens móveis e imóveis de que dispomos no local.

Solicito contato com a FUNAI para solução desta problemática.

Atenciosamente,

Gal Jord Dan

Yanomami

Subject: o globo
Date: Sun, 15 Dec 1996 18:35:31 -0200
From: Edgard Dias Magalhaes <yanomami@technet.com.br>
To: jsadf@tba.com.br

O jornal O Globo de 14/12/96 denuncia que funcionários do Exército Brasileiro e da FUNAI estão agindo para o extermínio dos Yanomami, principalmente dando condições para o aumento dos conflitos internos.

A reportagem é baseada em documentos originados na Fundação Nacional de Saúde, Cordenação Regional de Roraima, elaborados por mim, como Coordenador do Distrito Sanitário Yanomami DSY. Os dois memorandos envio anexo (como attachment, 96mem352.doc e 96mem357.doc).

A reportagem de Amaury Ribeiro Junior (E-mail: opais@oglobo.com.br) exagera em deixar transparecer que é uma política das duas instituições.

Naturalmente que o Exército não deve estar gostando nada da história e deverá vir para cima da FNS fazendo questionamentos e com estratégias para validar sua imagem de instituição superior e sem qualquer falha que possa ser publicada.

Espero que neste processo não se esqueça do que é mais importante: há o fornecimento de munição e os conflitos entres os Yanomami estão se acirrando. Atitudes precisam ser toamdas frente a isto: interromper o fornecimento de munição aos Yanomami, retirar os garimpeiros que estão na área, garantir o prosseguimento dos programas de saúde e uma ação eficaz da FUNAI.

Solicito que acompanhem a questão e dêem todo apoio para que a coisa não tome outros rumos, não se mudando o que está errado.

Obrigado,

Edgard Dias Magalhães
Antropólogo
Coordenador do DSY/FNS-RR

yanomami@technet.com.br

Attachment 2

Name: 96MEM352.DOC
Type: application/msword
Encoding: base64

Attachment 3

Name: 96MEM357.DOC
Type: application/msword
Encoding: base64

8